



PÁGINA MENSAL DO MOVIMENTO DE ROMEIROS DE SÃO MIGUEL | RUA DA PRAÇA, 5 - SANTA CRUZ - 9560 - 065 LAGOA | EMAIL geral@mromeiros.pt | WEBSITE mromeiros.pt

Romeiros de São Miguel – Uma observação Participante

DIREITOS RESERVADOS



Em 2011 solicitei ao meu amigo, José Medeiros Fernando (O Zé preto), na altura Mestre do Rancho de Romeiros da Conceição da Ribeira Grande, permissão para que a investigadora Dra. Mont Serrat Cinge da *Universitat Politècnica de València UPV* acompanhasse o Rancho de Romeiros com a finalidade de recolher elementos (captar a paisagem sonora em que decorre a romaria) para o projeto “Recolha do Património Sonoro em São Miguel”, um projeto do CHAM-Universidade dos Açores, coordenado pela Doutora Susana Costa. A paisagem sonora é compreendida como o ambiente acústico que é percebido, experimentado ou apreciado pelas pessoas em um determinado contexto e é o resultado da interação entre os fatores humanos e físicos do espaço em questão. A resposta do Mestre à proposta foi positiva, mas ele perguntou se eu iria de Romeiro com o grupo, disse que não, mas me comprometi a ir na Romaria na primeira oportunidade que tivesse. O projeto correu bem, a Dra. Mont Serrat Cinge realizou com êxito o seu projeto e o resultado foi partilhado no *Site azorespaisagemsonora.blogspot.com*. Três anos depois, em 2014, cumpri a minha promessa ao Mestre José Medeiros Fernando e integrei o

Rancho de Romeiros da Conceição da Ribeira Grande, uma experiência inesquecível e que me marcou para sempre. Devo referir que a minha participação na Romaria teve um caráter investigativo onde utilizei a Observação Participante, uma técnica de coleta de dados originária da Antropologia e utilizada também por sociólogos que visa ver o mundo através do sujeito pesquisado, com a participação do pesquisador no local onde acontece o fenómeno e com uma maior interação entre a teoria e os métodos dirigidos pelo pesquisador. A observação participante é considerada o método por excelência da antropologia. Consiste em o pesquisador se inserir, ser aceito e participar dos eventos do grupo que está estudando para assim entender a lógica que move essa comunidade. Para Bronislaw Malinowski, pai da observação participante e autor do clássico: *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, observar e participar para entender é melhor do que simplesmente perguntar, as respostas veem com o tempo, junto com a observação e a participação. No meu caso utilizei, com a autorização do Mestre do Rancho de Romeiros, um diário de campo como suporte mnemónico de auxílio à construção da pesquisa, um gra-

vador portátil e posteriormente as fotos da autoria de Ricardo Furtado, tiradas durante a Romaria com o intuito de realzar uma exposição fotográfica.

As condições propícias à minha investigação e participação estavam reunidas. Iniciei a minha participação/investigação frequentando as reuniões preparatórias semanais, na Igreja da Conceição da Ribeira Grande, onde a parte litúrgica e ritualística da Romaria (orações, cânticos e regras de conduta) eram ensinadas/explicadas aos participantes e frequentando a Taberna do Fernando Pereira, localizada na freguesia da Conceição da Ribeira Grande e propriedade do Ajudante de Mestre Rui Couto, ponto de encontro diário dos Romeiros. Nestes encontros na taberna foi possível observar que a ligação, o sentido de pertença e a camaradagem entre estes irmãos romeiros mantinham-se sólidos durante todo o ano através das diversas atividades realizadas pelo grupo, que ultrapassava uma centena. (passeios pedestres, almoços, jantares, participação no coro de romeiros, ajuda aos irmãos mais necessitados, impérios, etc.).

Os Romeiros de São Miguel, que segundo a historiografia, tem a sua origem nos terremotos e erupções vulcânicas do

século XVI são grupos de penitentes que, durante uma das semanas da Quaresma, percorrem a pé a ilha de São Miguel e visitam todas as igrejas e ermidas onde haja exposta a imagem da Virgem Maria (cerca de 100 templos). Os Ranchos de Romeiros constituem-se por freguesia e possuem uma dimensão variável, podendo ir de cerca de 15 até aos 200 romeiros. Cada Romeiro apresenta-se vestido com o traje que usa diariamente, mas este traje é recoberto por acessórios que nada têm a ver com o modo de vestir do quotidiano miçense: um xaile pelos ombros, um lenço ao pescoço; uma cevadeira às costas; um terço e um bordão na mão. O rancho, quando em marcha, adota uma formação convencional constituída por três alas de romeiros. As alas dos lados são compostas pelos romeiros, estando à frente de cada ala os Guias. A ala do meio integra o Mestre, o Contra-Mestre, o Lembrador das Almas, o Procurador das Almas e o Cruzado. Este fenómeno etnográfico e religioso sempre despertou a minha atenção e interesse, não só pela originalidade de certos elementos que lhe são inerentes, mas também pela persistência dessa manifestação ao longo dos séculos. Assim, na madrugada do dia 15 de março de 2014, me dirigi à Igreja da Conceição para iniciar a caminhada investigativa.

Dia 15 de março de 2014 – Sábado, depois da Missa na Igreja da Conceição da Ribeira Grande, saí, juntamente com os 121 irmãos romeiros, rumo ao périplo. O bordão, o xaile, o lenço, o saco para o farnel e os dois terços que usei na romaria – um ao pescoço e outro na mão foram-me emprestados pelo amigo e irmão Romeiro Rui Couto, Ajudante de Mestre do Referido Rancho e tinham pertencido ao seu Pai, já falecido. O percurso do primeiro dia, Ribeira Grande – Salga, que imaginei ser o mais fácil, apresentou-me a dura realidade do que é caminhar 15 horas, parando em todas as igrejas e ermidas com a imagem da Virgem Maria para os devidos rituais. Às 19:00 chegamos à Salga, toda a minha preparação física para a romaria tinha ido por água-abaixo. Estava exausto, ajoelhar durante a missa com o farnel às costas era doloroso, já tinha bolhas nos pés e estava apenas no primeiro dia... Após a missa nos dirigimos ao salão paroquial onde tomamos banho, comemos, um irmão cuidou das bolhas nos meus pés e fui dormir, não cheguei a fechar os olhos e era hora de voltar à peregrinação, sim peregrinação, o que pensei que seria uma atividade, até certo ponto lúdica, de recolha de elementos para minha investigação se transformou em uma penosa peregrinação.

Dia 16 de março de 2014 – Domingo, Salga – Pedreira do Nordeste. Minhas pernas pesavam meia tonelada cada, o percurso não era amigo e eu comecei a me perguntar: o que é que Eu estou fazendo aqui? Com o incentivo e a ajuda dos irmãos fui acompanhando o grupo, mas a pergunta continuava lá: o que é que Eu estou fazendo aqui? Quando paramos para o almoço, sentei em um passeio, exausto e enquanto comia um irmão se aproximou e me disse que um dos irmãos tinha desistido da romaria... Bem, se este irmão desistiu Eu também posso desistir, pensei. Pedi para falar com o Mestre e lhe disse que já não tinha condições físicas de continuar e que desejava desistir. O Mestre olhou para mim durante algum tempo e disse: Meu irmão brasileiro me aponte quem no nosso Rancho é que tem condições físicas de continuar, isto não tem a ver com o corpo tem a ver com a fé, o irmão não vai desistir! Vamos continuar e logo à noite conversamos. Levantei, com o auxílio de dois irmãos e lá fui Eu junto com o Rancho pensando nas palavras do Mestre. Sou agnóstico, a fé que move o Mestre e os outros irmãos não tem efeito sobre mim, pensei, mas já ultrapassei limites físicos, quem manda é o cérebro, vou continuar, e continuei. Chegando à Pedreira do Nordeste, depois da missa fiquei colocado na casa de um irmão romeiro, quase não comi e fui dormir, mas antes um irmão vendo o meu estado se prontificou a passar uma pomada nas minhas pernas para aliviar as dores, o que agradei. Quando acordei, qual o meu espanto! A minha perna, as minhas mãos, e o meu rosto estavam inchados, sofri um choque anafilático (reação alérgica grave que surge poucos segundos ou minutos após se estar em contato com uma substância a que se tem alergia). Os pés não cabiam nos meus sapatos, um dos irmãos me ofereceu o seu sapato número 44 e eu o consegui calçar.

Dia 17 de março de 2014 – Segunda, Pedreira do Nordeste – Furnas. Lá fui Eu ao encontro dos irmãos, mais morto do que vivo, mas disposto a continuar a Romaria. O Mestre quando viu o meu estado se assustou e disse que o melhor era me levarem ao hospital, recusei e combinamos que eu iria continuar e que se piorasse iria ao hospital. A caminhada não ficou mais fácil, pelo contrário, mas fui buscar forças dentro de mim que não sabia que estavam lá, a preocupação dos meus irmãos Romeiros comigo me impeliram a aumentar o meu foco em ultrapassar este desafio e consegui chegar junto com o grupo ao nosso destino, as Furnas. Depois da missa fui escolhido, junto com um irmão, para dormir em uma casa e tivemos que andar mais de 30 minutos até o destino. Fomos muito bem acolhidos, o irmão efetuou os rituais na chegada à residência e o acolhimento correu como o habitual. Devido a distância da casa até ao ponto de encontro combinamos, Eu e o irmão, acordar mais ce-

do de forma a chegar ao ponto de encontro na hora marcada. Chovia muito, o xaile e o lenço cumpriram a sua função, caminhamos muito devagar no início, mas depois conseguimos melhorar o passo e chegamos ao ponto de encontro sem atraso. Tomamos o pequeno-almoço, iniciamos a caminhada junto com o grupo e quando passávamos pela Lagoa das Furnas, ainda madrugada, descobri que me tinha transformado em uma “máquina de andar”.

Dia 18 de março de 2014 – Terça-feira, Furnas – Água D`Alto. Pois é, caros leitores, em apenas três dias de romaria me transformei em uma “máquina de andar”. Os cânticos, as orações, os rituais da caminhada, a dor... de repente tudo ficou claro como água, meu objetivo era andar, não importava o meio que me impulsionava, fé, força de vontade, superação, o



DIREITOS RESERVADOS

que importava era cumprir os objetivos, terminar a Romaria e recolher o máximo de material possível para a minha investigação. Fora das freguesias enquanto os irmãos rezavam Eu recitava mentalmente mantras, escalas musicais, a sequência de Fibonacci e a progressão geométrica. A dor estava superada, o meu estado mental já tinha se alinhado com a realidade e assim cheguei à Água D`Alto.

Dia 19 de março de 2014 – Quarta-feira, Água D`Alto – Arrifes. A partir do quarto dia, a hora de acordar, a caminhada e os ritos associados à Romaria já faziam parte da minha rotina. Já não haveria surpresas na caminhada e minhas anotações e recolhas estão no bom caminho, pensava Eu. Saímos pela madrugada de Água D`Alto em direção à Ponta Delgada e ao chegarmos ao Campo de São Francisco,

em Ponta Delgada, o Mestre nos reúne e faz o seguinte comunicado: como manda a tradição, os Romeiros da Conceição realizam o percurso até as escadarias do Santuário da Esperança de Joelhos... os irmãos que não se sentirem em condições estão dispensados... Pensei que alguns irmãos não fariam o percurso de joelhos e eu seguiria o exemplo, ledo engano, todos os irmãos se ajoelharam e para iniciarem o percurso, inclusive Eu...

Dia 20 de março de 2014 – Quinta-feira, Arrifes – Candelária. Um irmão que nos primeiros dias da romaria foi o meu porto seguro acordou com dor na coluna, mal podia andar, dividimos o seu farnel por três e nos revezamos, durante este dia, apoiando o irmão durante a caminhada. Neste dia apareceu um cozinheiro, logo pela manhã, que nos acompanhou durante todo o dia na caminhada. À noite

e os irmãos romeiros compartilhavam do mesmo sentimento de dever quase cumprido. No almoço, para surpresa minha, não tivemos carne guisada com batatas e sim favas no pão caseiro à moda da Ribeira Grande, nunca comi algo tão saboroso. Antes de entrarmos na Ribeira Grande o Mestre autorizou uma pausa, fez um pequeno sermão e perguntou se alguém queria falar, claro que não perdi a oportunidade. Falei sobre as experiências que tinha passado até ali na Romaria, sobre o meu respeito por aqueles homens que anualmente enfrentavam aquela peregrinação, alguns deles com décadas de romarias e do quanto tinha aprendido e descoberto em mim naquela semana de Romaria. Choramos todos, Chegamos à Igreja da Conceição na Ribeira Grande pelas 19H00, assistimos a Missa, nos despedimos e fui para minha casa na companhia de minha mulher. Esta experiência mar-

que importava era cumprir os objetivos, terminar a Romaria e recolher o máximo de material possível para a minha investigação. Fora das freguesias enquanto os irmãos rezavam Eu recitava mentalmente mantras, escalas musicais, a sequência de Fibonacci e a progressão geométrica. A dor estava superada, o meu estado mental já tinha se alinhado com a realidade e assim cheguei à Água D`Alto.

Dia 21 de março de 2014 – Sexta-feira, Candelária – Remédios da Bretanha. Neste dia atravessamos o túnel das Sete Cidades. Um momento marcante devido às condições da travessia e também pela proximidade da chegada à Ribeira Grande. Na entrada do túnel, enquanto nos preparávamos para a travessia, cantamos a música Romaria de Renato Teixeira, foi um momento mágico e revigorante.

Dia 22 de março de 2014 – Sábado, Remédios da Bretanha – Ribeira Grande. Iniciamos, como de costume, a caminhada pela madrugada. Os meus passos tinham a firmeza de quem vê a linha de chegada

cou a minha vida, o forte sentido de pertença ao grupo, a Fé que permite a esses homens a capacidade de sair do racionalismo para a experiência de amor, de afetividade, de generosidade e dignidade, a fuga da rotina e a vivência, embora sofrida, do mundo utópico da igualdade e de objetivos comuns e todas as experiências vividas naquela semana de Romaria me acompanham desde então. Na chegada à casa, depois de um bom banho e de jantar e de conversar com minha mulher sobre a experiência vivida na Romaria, fui dormir, mas após algumas horas de sono reparador, acordei em sobressalto... apenas para constatar que não precisava ir de Romeiro naquela madrugada. Um viva aos Romeiros e à Romaria! ♦

WELLINGTON NASCIMENTO. MÚSICO E INVESTIGADOR DO CHAM - CENTRO DE HUMANIDADES DA UNIVERSIDADE DOS AÇORES E UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA.